



Leandro Figueiredo

## DEVOÇÃO

**Douglas Veloso**

*Graduado em Artes Visuais pela Universidade Federal de Minas Gerais. Restaurador, pintor e artista gráfico, com atuação no CECOR/UFMG, em Belo Horizonte. Escreve crônicas, ensaios e letras-poesia.*

Rezávamos por preguiça, naqueles domingos de manhãs cinzas e intermináveis. A seqüência de letras era doentia. Em meio a sãos e santos, estava eu de joelhos e doente. Meus olhos estavam doentes. Eram sinais demais para decorar a ordem.

Deixei tal proeza pra senhoras de cabelo preso e olheiras roxas, profundas. Passei, então, a reparar as coisas e suas cores. No altar eram tantas as palavras voando a esmo, em meio a anjos tortos e sorrisos sem vida, que me senti perdido.

Ao meu lado pessoas douradas, quase envelhecidas por uma poeira fina e potente. Todas de olhos azuis, acinzentados pelo tempo. Reparei no teto meio caído, que me fez, imediatamente, cair para o alto. Vi mantos claríssimos, nuvens em prata e harpas douradas. Entre letras em meio a arabescos. O teto passou a chamar. Chamava com uma voz rouca, quase clara. Levantei-me, estiquei os braços para tentar tocar o último anjo sem nariz do teto. Era alto demais, minhas mãos eram sujas e curtas. Um senhor com poucos cabelos e uma roupa estranha, cor de vinho nas pontas, perguntou o que eu queria. Confessei, então, que o azul do teto me chamava. Cores não chamam, apenas são, disse tal senhor. Sentei-me revoltado por não saber como chegar ao teto, ao céu, ao reino de alguém.

Fizeram-me levantar, mais uma vez. Ofereceram-me umas moedas com gosto de trigo. Quis ir pra casa, ver o Sultão correr atrás das juritis. Não deixaram.

Rezamos quase todos ali, em um mesmo tom. Outros também estavam mirando o teto, mas de olhos fechados. Percebi que se desenhava no céu o fim daquela manhã e que seria inútil tentar tocar o teto novamente. Voltando pro casebre, percebi que estava doente, sem teto e sem palavras. O céu, que agora cobria a minha nuca, permaneceu cinza. Um cinza preguiçoso, sem dourados. Distante das minhas mãos sujas.

Maio de 2008.